

A TRANSCIDADE NO CENTRO DA CIDADE DE PELOTAS: CAMINHOGRÁFIAS URBANAS

ALISSA XAVIER ALVES¹; ALINE NASCIMENTO DOS SANTOS²;
EDUARDO SILVA DA SILVA³; PAULA PEDREIRA DEL FIOLE⁴;
TAÍS BELTRAME DOS SANTOS⁵; EDUARDO ROCHA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – alissaalvees@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aline008santos@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – duardsv@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – delfiolpaula@gmail.com

⁵Universidade Federal do Rio Grande do Sul – tais.beltrame@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com a intenção de cindir com identidades fixas e hegemônicas da centralidade urbana, pesquisadores, arquitetos, urbanistas, artistas, geógrafos juntos, decidem percorrer a cidade de Pelotas, a fim de conhecer, experimentar e sentir o centro.

Ao lidar com planejamento e projetos urbanos, arquitetos e urbanistas muitas vezes priorizam o objetivo em detrimento do subjetivo. Aqui, buscamos analisar composições e interações contemporâneas que possibilitam uma compreensão mais rica das relações urbanas.

A cidade pode ser explorada de diferentes formas: de longe, por meio de mapas distantes (tradicionais), ou de perto, através da exploração a pé (caminhografia urbana). Cada uma representa escolhas, desejos, seleções e movimentos, resultando em variações. Todos esses elementos coexistem em um plano comum de imanência, onde os mapas "de longe" e às caminhografias "de perto" nos ajudam a compreender o caos do centro da cidade.

Tanto para a filosofia quanto para a arquitetura e o urbanismo, pensar é seguir uma trajetória de múltiplas realidades dentro de uma mesma existência. O centro da cidade é geralmente considerado como o epicentro urbano, onde as atividades econômicas e culturais se concentram e energizam a cidade (LAMAS, 1993). Ao explorarmos o centro de Pelotas, descobrimos que ele se manifesta de maneira multifacetada, coexistindo em diversas camadas e dimensões.

Nossa pesquisa se concentra nessas coexistências no centro da cidade, abordando as relações entre os sentidos e sentimentos experimentados pelo corpo enquanto caminhamos. Isso nos leva a questionamentos essenciais: como isso acontece? E o que encontramos ao percorrer esse lugar central, que já foi tão extensamente descrito na história da arquitetura e do urbanismo tradicionais?

Ao realizar a caminhografia urbana no centro de Pelotas, desvelamos outras nuances do que podemos chamar de "TRANScidade"¹. Essas nuances coexistem entre o presente e o ideal, sendo moldadas e influenciadas pela filosofia deleuze-guattariana (DELEUZE & GUATTARI, 1995), que incorpora conceitos como lisos-estriados, intensivo-extensivo. Dessa forma, destacamos a revolucionária dispersão + centro histórico tradicional, a extensiva troca +

¹ A palavra TRANS foi grafada em letras maiúsculas no decorrer de todo o texto, como palavra que nomeia um ser individual e específico, particularizando-o dentro da sua espécie e distinguindo-o dos restantes. Precisamos "gritar-la" para os arquitetos e urbanistas.

comércio intensivo e o duradouro estriado + fluxo de passageiros como elementos essenciais dessa experiência urbana única.

2. METODOLOGIA

Na sociedade moderna, muitas vezes perdemos o contato com o solo, movendo-nos mecanicamente e de maneira previsível. Portanto, é crucial redescobrir o ato de caminhar e criar mapas a partir dessa experiência, o que chamamos de caminhografia urbana².

O mapa resultante da caminhografia urbana busca destacar o que é comum e foge às normas preestabelecidas. Trata-se de uma cartografia em constante TRANSformação, mais interessada no caminhar do que no destino final, mescla as interpretações hegemônicas e centralizadoras com nuances e pistas de um futuro em TRANSição. Surgem camadas sobrepostas, com intensidades e sensações que nos provocam mais dúvidas e questionamentos do que certezas.

No centro da cidade, conforme definido pelo plano diretor de Pelotas, há sete macrorregiões administrativas (incluindo o Centro propriamente dito), 20 mesorregiões de planejamento (quatro delas situadas no Centro) e 109 microrregiões de informações (16 delas localizadas no Centro). A delimitação dessas 16 microrregiões do Centro se baseou em características específicas, como usos do solo, divisões de loteamentos e considerações históricas, entre outros critérios.

Durante o segundo semestre de 2022, entre agosto e novembro, foram realizadas 10 caminhografias urbanas na macrorregião do Centro de Pelotas. As caminhadas ocorriam sempre entre as 14 e 18 horas, independentemente das condições climáticas, e variavam em extensão, algumas sendo mais longas e lineares, enquanto outras eram mais curtas e exploratórias, sem ultrapassar 3,5 km. O grupo era composto por 16 caminhantes, incluindo arquitetas, engenheiras, artistas e turismólogas, tanto estudantes de pós-graduação quanto de graduação, às vezes acompanhadas por moradores locais ou curiosos. Todos carregavam consigo cadernos de anotações, câmeras ou celulares para documentação visual. Os materiais coletados eram compartilhados semanalmente em um drive dedicado à disciplina. Ao final de cada caminhada, uma escrita coletiva era produzida e lida no local, seguida por uma discussão sobre as experiências do dia.

Este artigo e as discussões que emergem dele baseiam-se nas "escritas coletivas" e nos registros produzidos durante as caminhadas. A cartografia que se desenvolve durante essas caminhadas é rica em potencialidades e intensidades, com um alto grau de caráter TRANSurbano. Ela representa algo que ainda não compreendemos completamente, algo que está clamando por atenção na pulsante vida-morte da cidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos mapas da caminhografia urbana em Pelotas desafia as ideias convencionais sobre o centro da cidade, que frequentemente o associam a comércio, história e movimento intenso. Durante o estudo, não foi possível identificar claramente as subdivisões das regiões do centro, mas observou-se

² Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>

uma sensibilidade maior para heterogeneidades do que homogeneidades. Os registros abrangeram uma variedade de intensidades, indo da ambiguidade à revolução, abordando desde intercâmbios subversivos até atividades comerciais populares. As caminhadas pelo centro revelaram um "TRANS-lugar" em constante TRANSformação (PRECIADO, 2014).

O material coletado, incluindo imagens e textos (Fig.1), foi organizado e desorganizado repetidamente, resultando em algumas nuances em constante evolução e coexistência, que destacamos a seguir.



Figura 1 - Caminhografia, intervenção, conversa e escrita coletiva. Fonte: Do autor (2022).

3.1. Dispersão revolucionária+Centro histórico tradicional

A cidade de Pelotas, assim como muitas outras em todo o mundo, possui um centro histórico tradicional rico em patrimônio. Durante a caminhografia, esses locais históricos foram em grande parte negligenciados.

O centro histórico que segue o estilo arquitetônico do ecletismo historicista, está em estado de decadência, evidenciado por janelas quebradas, vegetações que invadem as fachadas e calçadas, rachaduras e poeira. Esse abandono cria uma sensação de melancolia que de certa forma homogeneiza o centro.

Percebemos que o centro histórico é afetado por forças periféricas que buscam revolucioná-lo, manifestadas em formas como grafites, ocupações de moradores de baixa renda e atividades não convencionais. O centro se expande para novas áreas, impulsionado pelo consumo e por revoluções sociais que exploram abordagens inovadoras para os problemas urbanos.

Essas mudanças não se limitam apenas a questões de gênero, mas representam uma TRANSformação mais ampla e desafiadora na lógica capitalista e neoliberal que tem influenciado a cidade, questionando a homogeneização e os conceitos tradicionais do urbanismo.

3.2. Troca extensiva+Comércio intensivo

O centro histórico de Pelotas é oficialmente designado como a microrregião de "comércio intensivo" no plano diretor da cidade, o que contribui para a concepção tradicional do centro como um local associado principalmente ao comércio. No entanto, durante a caminhografia urbana, não foram encontradas imagens ou referências ao "comércio intensivo", apesar de terem explorado o calçadão da cidade, que é considerado o epicentro do comércio.

Em contraste, o estudo revelou a presença de algo chamado de "troca revolucionária". Essa forma de interação, denominada "troca extensiva", desempenha um papel importante na TRANSformação da cidade em nível molecular. Envolve estratégias como a troca de livros pelo "Kilombo Urbano

Ocupação Canto de Conexão", feiras orgânicas de pequenos produtores, vendedores de porta em porta, ambulantes e carroceiros que coletam materiais recicláveis.

A "troca extensiva" e o "comércio intensivo" não são estritamente opostos, pois suas dimensões se entrelaçam e se estendem umas às outras. Dependendo da intensidade envolvida, podem até se separar e se tornar entidades distintas.

3.3. Estriado duradouro+Fluxo de passageiros

O texto descreve uma dicotomia na cidade de Pelotas, onde o sistema estriado busca manter o fluxo de tráfego em trajetos curtos, principalmente para veículos, criando calçadas que circundam quarteirões e criando filas de carros nas ruas. O contraste com essa lógica é representado pelo "liso", onde a cidade se rebela contra a domesticação, capturando momentos de lentidão e influências rurais na atmosfera urbana.

A caminhografia revela uma constante disputa entre o estriado e o liso na cidade, resultando em novas formas de mobilidade. As "esperas comunitárias" representam espaços que misturam elementos do estriado e do liso, visíveis em manifestações urbanas como grafites, pichações, placas e problemas nas ruas.

Durante as caminhografias, houve uma intenção de desafiar o sistema estriado, buscando intervenções artísticas, trocas de objetos, coleta de materiais e projetos de instalações. O texto sugere que o espaço-tempo liso e o espaço-tempo estriado se fundiram em uma única cidade durante esse processo de TRANSformação, abrindo caminho para uma TRANScidade.

4. CONCLUSÕES

A abordagem é vista como uma forma de descolonização, incorporando tecnologias, experiências, conhecimentos e sentidos em um constante movimento entre o sedentário e o nômade. Isso envolve criar mapas e planos de imanência que exploram o que afeta e é afetado, indo além do pensamento convencional.

A pesquisa também destaca a caminhografia como uma prática que valoriza o olhar para o estranho e o não domesticado, representando uma máquina de guerra revolucionária que produz linhas de fuga. Embora a caminhografia seja atualmente mais associada ao registro e à exploração, sugere que pode ser uma ferramenta valiosa para futuros projetos e planos urbanos mais consistentes nas atividades dos arquitetos e urbanistas.

Por fim, destacamos o encontro com o estranho e o corpocidade-TRANS como uma potente fonte de inspiração para repensar o urbanismo contemporâneo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). São Paulo: Ed. 34, 1995.

LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Sl: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1, 2014.